A LENDA DO POÇO DA MOÇA: o imaginário da Comunidade Remanescente de Quilombo Ramal do Bacuri e seus reflexos no turismo

Rayanne Silva Nascimento[1]
Dayara Vanessa de Souza Bezerra[2]
Jonathan Rodrigues Nunes[3]
Vânia Lúcia Quadros Nascimento[4]

Resumo: Este artigo objetiva analisar como a lenda do Poço da Moça contribui para a atividade turística na Comunidade Quilombola Bacuri em Abaetetuba-PA. Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas e de campo, tendo como instrumento de coleta de dados entrevista com os moradores autóctones e questionários semiestruturados aplicados aos turistas. Os resultados encontrados apontam que a lenda é um dos principais motivos de visitação ao Poço; 70% dos turistas que o visitam interagem com a comunidade, procurando por mais informações sobre o Poço e também sobre ela própria. Conclui-se que, embora haja um fluxo de turistas para a comunidade em função do Poço da Moça, o turismo ainda não contribui efetivamente para a geração de renda na comunidade por falta de planejamento estratégico da atividade.

Palavras-chave: Turismo. Lenda. Lenda do Poço da Moça. Comunidade Remanescente de Quilombo Ramal do Bacuri.

1 Graduanda em Turismo/UFPA. E-mail: nascimento_rayanne@hotmail.com.
2 Graduanda em Turismo/UFPA. E-mail: dayarasouza22@gmail.com.
3 Graduanda em Turismo/UFPA. E-mail: jonathanrodrigues58@hotmail.com.
4 Professora da Faculdade de Turismo/UFPA. E-mail: vaniaquadros@ufpa.br.

The legend of the poço da moça: the imagery of the Remnant Community of Quilombo Ramal do Bacuri and its reflections on tourism

Abstract: This article aims to analyze how the legend of the Poço da Moça contributes to the tourist activity in the Quilombola Bacuri Community in Abaetetuba-PA. In order to do so, bibliographical and field research was carried out, having as an instrument of data collection an interview with the native inhabitants and semi-structured questionnaires applied to tourists. The results indicate that the legend is one of the main causes of visitation to the Well; That 70% of the tourists who visit it interact with the community looking for more information about the Well and also about itself. It concludes that, although there is a flow of tourists to the community due to the Poço da Moça, tourism still does not effectively contribute to income generation in the community due to lack of strategic planning of the activity.

Keywords: Tourism. Legend. Legend of the Poço da Moça. Remnant Community of Quilombo Ramal do Bacuri.

Introdução

O estudo das narrativas orais como elemento de construção cultural de populações não é recente e há muito lhe foi atribuída importância para além de conversas em rodas e histórias para dormir. Antropólogos em todo o mundo continuam a estudar sua relevância no decorrer do tempo, não se atendo em verificar sua veracidade, mas em seu contexto na sociedade.

De acordo com Silva (2014, p.14), "[...] as narrativas orais sob a forma de mitos, lendas, contos e demais gêneros se fazem presentes ao longo do desenvolvimento de todas as sociedades humanas, representando fontes de explicações ou regulando a conduta social". Percebe-se, então, que a cultura em si é a soma dessas simbologias, das ações do homem na busca pelo conhecimento e de suas características originárias do espaço onde habita. E cada vez mais tem atraído turistas ao redor do mundo, com intuito de conhecer as particularidades das distintas sociedades.

As lendas e mitos estão inseridos nessa conjuntura, enriquecendo a experiência ao possibilitar ao turista, a partir deles, um contato, integração e harmonia maiores com a natureza e seus "guardiões". Moletta (1998, p. 10) sinaliza que o turismo cultural "[...] caracteriza-se, também, pela motivação do turista em conhecer regiões onde o seu alicerce está baseado na história de um determinado povo, nas suas tradições e nas suas manifestações culturais, históricas e religiosas". Isto ganha contornos mais significativos quando se refere a uma comunidade remanescente de quilombo, representante expressiva do povo brasileiro.

Um exemplo disso é a Comunidade Remanescente de Quilombo Ramal do Bacuri, situada no município de Abaetetuba, região do Baixo Tocantins, no estado do Pará. Foi intitulada como Território Quilombola, em 2009, pelo Instituto de Terras do Pará (ITERPA). Nela está localizado o Poço da Moça, um local de águas cristalinas a partir do qual surgiu a lenda de mesmo nome.

A pesquisa ora relatada foi proposta tendo como objetivo analisar como a lenda do Poço da Moça contribui para a atividade turística na Comunidade Quilombola Bacuri. Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográfica e de campo, esta última com entrevistas e questionários como instrumentos de coleta de dados. Assim sendo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com três residentes e foram aplicados questionários a 10 turistas, no período de 25 a 27 de janeiro de 2016.

Os resultados encontrados indicam que a existência da lenda é uma das principais causas de visitação ao Poço da Moça. Isto porque sete entre 10 turistas questionados (totalizando 70%) interagem com a comunidade, procurando por mais informações sobre o Poço e também sobre a própria comunidade. Conclui-se que, embora haja um fluxo de turistas para a comunidade em função do Poço, o turismo ainda não contribui efetivamente para a geração de renda na comunidade, por falta de planejamento estratégico da atividade.

Breve discussão sobre lenda e mito

No Brasil, é difícil encontrar uma pessoa que desconheça totalmente as lendas e os mitos que permeiam o imaginário nacional; porém, é notória a confusão quanto à distinção conceitual de ambos pelo senso comum. Mas, é possível afirmar que, no decorrer da sua vida, ao menos uma pessoa conhece ou sabe de alguém cuja família detém lendas da estória local ou estudou sobre esses temas no ensino fundamental. O país é rico nessa diversidade de narrativa, que ultrapassa os tempos e adequa-se ao contexto espacial e cultural das sociedades.

Em termos conceituais, de acordo com Sales (2014), a palavra lenda surgiu em meados do século XIII, a partir da discussão do italiano Jacobus de Varazzo, e possui as quatro características do conto popular: a antiguidade, devido sua atemporalidade; a persistência, pois quem a conta acredita, mesmo que de forma imparcial, no enredo; o anonimato, uma vez que o autor é desconhecido; e a oralidade, pois é seu principal meio de transmissão. A lenda se caracteriza, também, por misturar fatos reais com a fantasia, sendo contada subjetivamente, pois cada pessoa a adapta segundo o seu pensar e o seu espaço geográfico.

Chaui (2000) defende que o mito é criado ou surge visando responder questões quanto à origem das coisas, a exemplo do mundo, seus elementos ou fenômenos, de maneira fantasiosa, com intuito de sanar as curiosidades da população. A palavra é oriunda do grego, "mythos", e provém de dois verbos: "mytheyo" (contar, narrar) e "mytheo" (conversar, contar, anunciar, nomear). Ainda segundo tal autora, para os gregos, naquela época, alguém que narrasse um mito era um escolhido pelos deuses, que testemunhou os acontecimentos, ou é próximo desse alguém, por isso tomam o mito como verdadeiro, no exercício de confiabilidade.

Há uma linha tênue na distinção entre esses dois os conceitos. Alguns os utilizam como sinônimos, enquanto outros não se preocupam em distinguir. Mas, de maneira geral, há um consenso quanto à importância de ambos, principalmente em se tratando da formação cultural das populações amazônicas, cuja ligação com o imaginário é criada desde a infância, sendo relacionada com seus rios, florestas e animais.

Cascudo (1976, p. 348) identifica a diferença entre mito e lenda defendendo que está última é um

> Episódio heróico ou sentimental com elemento maravilhoso ou sobrehumano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo [...]. Conserva as quatro características do conto popular: Antiguidade, Persistência, Anonimato, Oralidade [...]. Muito confundido com o mito, dele se distingue pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um termo central com área geográfica mais ampla e sem exigência de fixação no tempo e no espaço.

Então, para tal autor, a distinção se mostra quanto à função e ao confronto, pois enquanto a lenda conta histórias e possui um espaço de tempo e localização, o mito pretende explicar os princípios de elementos naturais, dentre outros, e não se atém a essas características.

Por sua vez, Pereira (2001, p. 18) argumenta que "lenda e mito não passam de símbolos distintos para identificar a mesma coisa; enfim, são sinônimos, só que o termo lenda possui uma conotação poética". Tem-se, com isso, que para este autor a diferença entre lenda e mito ocorre na maneira como é contada, sua forma linguística. Assim, a lenda é narrada com nuances encantadoras e inspiradoras.

No que tange à classificação, na ampliação de seu trabalho "Painel de lendas e mitos da Amazônia", premiado em 1º lugar no Concurso "Folclore Amazônico 1993" da Academia Paraense de Letras, Pereira (2001) apresenta uma classificação dos mitos e lendas embasada em obras de vários autores, tais como Coutinho de Oliveira e Victor Jabouille. Assim sendo, as lendas classificam-se em:

> I - Lendas Cosmogônicas
> II - Lendas Heroicas
> III - Lendas Etiológicas
> IV - Lendas de Encantados
> V - Lendas Ornitológicas
> VI - Lendas Mitológicas (ciclo da Iara, da Boiuna, do Boto, do Curupira e da Matintaperê). Estas também são chamadas de Mitos Primários ou Domésticos (OLIVEIRA, 1951 apud PEREIRA, 2001, p. 30).

Vale ressaltar que, com base nisso, as lendas Cosmogônicas explicam a formação do universo e do mundo; as Heroicas tratam dos homens que inspiram coragem e destreza; as Etiológicas esclarecem a origem das plantas e rios; as de Encantamentos falam daqueles que foram submetidos à magia ou feitiçaria; as Ornitológicas se referem às aves; e, por último, as Mitológicas falam de seres fantásticos e poderosos.

Quanto aos mitos, estes podem ser classificados como:

> 1. Mito teológico - relata o nascimento dos deuses, os seus matrimônios e genealogias;
> 2. Mitos cosmológicos - debruçam-se sobre a criação e o ordenamento do mundo e seus elementos construtivos;
> 3. Mito antropogônico - apresenta a criação do homem;
> 4. Mito antropológico - prolonga o anterior, descrevendo as características e desenvolvimento do gênero humano;
> 5. Mito soteriológico - apresenta o universo de iniciação e dos mistérios, das catábases e percursos purificatórios;
> 6. Mito Cultural - narra as atividades de heróis que, tal como Prometeu, melhoram as condições do homem;
> 7. Mito etiológico - explica a origem de pessoas e coisas; pesquisa as causas por que se formou uma tradição, procurando em especial encontrar episódios que justifiquem normas;
> 8. Mito naturalista - justifica, miticamente, os fenômenos naturais, telúricos, astrais, atmosféricos;
> 9. Mito moral - relata as lutas entre o Bem e o Mal, entre anjos e demônios, entre forças e elementos contrários;
> 10. Mito escatológico - descreve o futuro, o homem após a morte, o fim do mundo (JABOUILLE, 1986 apud PEREIRA 2001, p. 30).

É possível observar, considerando essas duas classificações, que mitos e lendas se entrelaçam e alicerçam o saber tradicional das populações. A ênfase não é ponderar sobre sua veracidade, mas analisar sua extensão e reflexo no modus vivendi dos habitantes de determinada comunidade, sem nunca menosprezar a sua importância.

Lendas e Turismo

A Amazônia é cercada por rios e todo um imaginário foi surgindo sobre eles junto com as grandes expedições que os desbravaram, no período do descobrimento do Brasil. Um exemplo é a viagem de Orellana, em 1549, considerado um dos precursores dos mitos na região. Tal fato foi evidenciado por Loureiro (2002, p. 108) ao afirmar que:

> A viagem de Orellana [...] instaura o momento fundador dos primeiros mitos, como o das Amazonas — índias guerreiras, bravas habitantes de uma aldeia sem homens. Outros viajantes, aventureiros e exploradores que procuravam riquezas espalharam mundo afora mitos e fantasias. De todos os mitos mais persistentes parece ter sido sempre o da superabundância e da resistência da natureza da região: florestas com árvores altíssimas que penetravam nas nuvens, frutos e flores de cores e sabores indescritíveis, rios largos a se perderem no horizonte (povoados de monstros engolidores de navios nas noites escuras), animais estranhos e abundantes por todo o chão; pássaros cobrindo o céu e colorindo-o em nuvens de penas e plumas de todas as cores.

Desde então, o misticismo advindo dos colonizadores e da população que não vivia no local cresceu, contribuindo para o surgimento de vários mitos e lendas na região.

O Pará, segundo maior estado do Brasil em extensão territorial, tem enraizado em sua cultura lendas e mitos amazônicos. Estes são repassadas de geração em geração, valorizando, assim, a cultura, os saberes e fazeres da região. Eles apresentam e/ou estão relacionados aos elementos da natureza, como retrata Nascimento (2002) em sua pesquisa.

A cultura valoriza todos os tipos de saberes de uma região e, consoante ao disposto por Marconi e Presotto (2006), diversos elementos do imaginário popular das regiões ganham notoriedade e tornam-se verdade. Segundo Carvalho (2014, p. 222):

> A vida dessas pessoas é perpassada, pela mistura da subjetividade e objetividade, sintetizando e sendo sintetizadas pela cultura em que vivem. Assim, o homem se projeta no meio em que vive, e re/cria o seu imaginário, construindo seu próprio conhecimento do mundo que o cerca.

Assim sendo, na Amazônia, o contato com o rio e com a floresta é constante. Isso contribui para que os mitos se tornem cada vez mais presentes, tornando-se um patrimônio imaterial para a sociedade. Este entendido, segundo Macena (2003), é pensado como todo tipo de legado edificado e cultural que cerca um povo, ampliando-se para além das edificações, crenças, lendas e mitos.

Nesse contexto de imaginários, o turismo se faz presente, uma vez que os turistas passam a conhecer e a vivenciar o misticismo de determinada sociedade. Na Bahia, um grande exemplo é o Candomblé, que já se tornou uma "[...] grande atração para o visitante. Todos querem assisti-lo e as agências de turismo incluem-no em seus roteiros. Mas é preciso compreendê-lo e respeitá-lo" (OLIVEIRA, 1999, p. 16). Paes-Luchiari, Bruhns e Serrano (2007) defendem que os potenciais culturais vêm se modificando, gerando uma "refuncionalização" para as práticas culturais, transformando em produtos turísticos os locais que são cercados por lendas e mitos.

No que concerne às populações tradicionais da Amazônia, é possível notar uma diversidade de lendas que circunda a população, principalmente as comunidades tradicionais. E, de acordo com Bueno (1996), a transmissão de valores e costumes passa a ser considerada como memória afetiva do povo. Com isso, passa-se a valorizar os saberes tradicionais de uma comunidade, fazendo com que eles não se percam.

Algumas cidades são bastante conhecidas e evidenciadas como exemplo de consolidação do turismo cultural. Isto, para o Ministério do Turismo, pode beneficiar a comunidade uma vez que:

> A criação de produtos tematizados, utilizando técnicas de interpretação e de interação, que ressaltem a história do lugar e de seus personagens, para apresentar o patrimônio tangível e intangível do ambiente visitado, é uma forma de ampliar o conhecimento, possibilitar a fruição e emocionar o visitante (BRASIL, 2010, p. 15).

Este fato já se evidencia em alguns lugares do Brasil e já foi defendido por Urry (1990), ao afirmar que, a partir de diversos elementos, o turismo provoca mudanças consideráveis nas cidades impactadas pela atividade. Assim, o "Olhar atento do Turista" (URRY, 1990, p. 66) gera uma responsabilidade ainda maior para o produto.

Nesse contexto, alguns locais se destacam como produtos turísticos potenciais, pois como afirma Miotello (1996, p. 16):

> A análise dos mitos poderia revelar a forma de representar o mundo e a vida deste povo, da sua crença, da sua fala. Mitos indígenas da criação, do surgimento do dia e da noite, da origem da mandioca, da criação dos lagos e outros; mitos dos povos da floresta como os mitos das mães, mãe da floresta, mãe da seringueira, da castanheira e de todas as árvores ameaçadas; mitos do curupira, do Motim Tapereira. Há ainda os mitos dos povos ribeirinhos, como o mito da cidade encantada, do barranco caído, do boto, do surgimento dos igarapés.

Quanto a isso, municípios do interior do Pará começam, gradativamente, a se tornar atrativos para os turistas, em função de histórias como essas. Citam-se como exemplo os municípios de: São João de Pirabas, com a estátua do Rei Sabá; a Ilha de Colares, com a história do "Chupa chupa"; e Abaetetuba, onde há, na Comunidade Remanescente de Quilombo Ramal do Bacuri, a lenda do Poço da Moça.

Ratifica-se que as questões culturais e o turismo andam juntos. Mas, isto, desde que seja feito um planejamento estratégico e que seja evidenciado o Turismo como um viés para a cultura imaterial representada. Contudo, é necessário um investimento em *marketing* turístico que é, para Krippendorf (1989 apud RUSCHMANN, 1990, p. 25),

> [...] a adaptação sistemática e coordenada da política das empresas de turismo, tanto privadas como do estado; no plano local, regional, nacional e internacional, visando a plena satisfação das necessidades de determinados grupos de consumidores, obtendo, com isso um lucro apropriado.

Isso traz benefícios à comunidade local, entre os quais o resgate, a valorização e a preservação de seu patrimônio natural e cultural, visto que a interação com o turista possibilita uma gama de troca de experiências.

Além disso, para alguns autores, o viés para um turismo mais sustentável se expressa em um seguimento diferenciado, o de base comunitária. Este, na visão de Maldonado (2009, p. 28), consiste em "[...] assegurar o bem-estar comum e garantir a sobrevivência de seus membros, preservando sua própria identidade cultural". Dito de outra maneira, isso faz com que todos participem da cadeia do turismo, fortalecendo assim a união e o bem-estar dos integrantes de determinada sociedade e seu entorno.

Comunidade Remanescente de Quilombo Ramal do Bacuri

A Comunidade Quilombola Ramal do Bacuri compõe, segundo Instituto de Terras do Pará (ITERPA), o conjunto das comunidades quilombolas do município de Abaetetuba. Intitulada em 2009 com extensão territorial de 854.4893ha, possui como meio de subsistência, majoritariamente, a agricultura familiar, principalmente da produção de farinha, profissão que é passada de geração em geração.

A luta pelo reconhecimento territorial é antiga no Pará. Segundo Treccani (2006 apud MARQUES; MALCHER, 2009, p. 34), "Os direitos territoriais das comunidades quilombolas têm raízes históricas profundas e exigem de nós conhecimento técnico e "PAIXÃO" pela causa para que saiam do papel e se transformem em ETNODESENVOLVIMENTO". Nesse contexto, a titulação das terras das comunidades remanescentes de Quilombo é um ganho significativo para os movimentos negros do Estado, juntamente com as associações das comunidades e o Centro de Estudos e Defesas dos Negros no Pará (CEDENPA), um aliado nessa conquista.

As associações são formadas com intuito de agregar o incentivo cultural e perpetuação dos saberes. E, também, auxiliar na própria sobrevivência da localidade. Na comunidade Remanescente de Quilombo Ramal do Bacuri, há a Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo do Ramal do Bacuri (ARQUIBA), fundada em 2008, que auxilia na organização de produção e venda da agricultura local.

Outra associação existente é a Associação de Mulheres Quilombolas Agroextrativistas da Comunidade Ramal do Bacuri (AMQACRB), que abrange projetos de cunho social, produção de artesanato, doces e farinha, cultivo de horta e oficina de pintura. O objetivo dessa associação é ensinar à faixa etária mais nova a cultura, bem como alternativas de renda. Quinzenalmente, as mulheres da associação expõem e comercializam seus produtos na sede do município, durante a Feira do Agricultor Familiar, e o lucro obtido é dividido entre as associadas.

A lenda do Poço da moça

A lenda foco desta pesquisa pode ser encontrada facilmente na *internet*. Contudo, para maior fundamentação, ouviu-se a descrição dos moradores da comunidade de onde ela é originada. Para eles, essa lenda é tradição repassada de geração em geração, logo na infância.

De acordo com os entrevistados, nas cercanias do local onde está situada a Comunidade Remanescente de Quilombo Ramal do Bacuri, existiam duas tribos indígenas rivais; a moça a que se refere o nome da lenda pertencia a uma dessas tribos. Certa noite, em uma das suas andanças pela mata, ela encontrou, por acaso, um rapaz membro da tribo rival. Apaixonados, eles passaram a se encontrar, às escondidas, próximo a um olho d'água, para que não fossem descobertos por suas famílias, pois seu amor era proibido.

Porém, um dia, os parentes da moça descobriram o seu envolvimento com o rapaz, desencadeando a guerra entre as famílias, nela vindo a morrer o jovem índio. O local onde se encontravam, onde um dia desejava desposá-lo, virou lugar de sofrimento para a moça. Todos os dias ela ia até lá, chorava e lavava suas lágrimas no olho d'água que, de tantas lágrimas, se transformou em um poço, como demonstra a Figura 1.

Figura 1 – Poço da Moça, Comunidade Quilombola Ramal do Bacuri



Fonte: David Rodrigues (2016).

Durante uma dessas visitas da moça ao local, o jovem apareceu, em uma visão, e a arrebatou; depois disso, ela nunca mais foi vista. Assim originou-se a lenda. Consoante aos relatos dos entrevistados, a moça aparece às 12h e às 18h, no Poço, para lavar seus cabelos. Em razão disso, a ida ao local nesses horários é proibida.

Resultados e discussões

Durante a pesquisa de campo realizada entre os dias 25 e 27 de janeiro de 2016, foi possível conhecer a Comunidade Remanescente de Quilombo Ramal do Bacuri. Porém, devido ao curto período de tempo, não se investigou amplamente a dinâmica social da comunidade. Mas, no que tange ao objetivo da pesquisa, obteve-se as informações necessárias.

De início, percebeu-se a vida simples dos moradores locais. Isto, principalmente, em relação às moradias (Figura 2) e às práticas cotidianas. Convém destacar que, mostrando-se acolhedora, a comunidade não

apresentou restrições quanto ao fato de ser objeto de observação e de fonte de fornecimento de informação, via entrevistas.

Figura 2 – Moradia da comunidade Remanescente de Quilombo



Fonte: Joanaldo Silva (2016).

Das entrevistas realizadas com os moradores, consideram-se duas informações primordiais: uma quanto à importância da lenda do Poço da Moça para a comunidade e outra sobre os impactos da propagação da lenda no cotidiano local. Foram entrevistados três moradores, sendo duas mulheres (25 e 64 anos) e um homem (40 anos), todos nascidos na comunidade e conhecedores da lenda. Ao serem questionados sobre a lenda, todos a narraram de maneira extremamente semelhante, confirmando a apropriação e integração dela na cultura local.

O Poço da Moça integra o cotidiano dos residentes e é utilizado nas tarefas diárias e no lazer em família. A lenda que o caracteriza é repleta de encantos e inspira, segundo os moradores, a ânsia pelo amor e a luta pelo seu alcance. Em virtude de sua representatividade, ela foi introduzida como costume e influencia na rotina diária dos moradores; um exemplo citado pelos entrevistados é o respeito aos horários proibidos para a utilização do poço.

Dessa feita, os moradores cumprem a proibição de tais horários (06h, 12h e 18h) e informam aos seus visitantes a necessidade de também o fazer. Eles atentam, ainda, para a necessidade de pedir permissão antes de entrar nas águas, pois a moça da lenda "assombra", causando fortes dores na cabeça, inclusive alguns moradores da própria comunidade tiveram que se submeter à benzedeira, cuja reza daria o "passe" para acabar com o assombro, por terem ido ao poço em hora inoportuna.

Em sua maioria, os moradores são os grandes propagadores da lenda, pois, ao serem questionados pelos visitantes, narram de maneira eloquente essa história que lhes foi transmitida na infância como tradição e se perpetua há várias gerações. Conforme dados da pesquisa, o Poço da Moça é mais visitado durante o período de férias escolares e feriados, sendo os turistas oriundos de municípios vizinhos, como Moju, Barcarena e Belém (Figura 3). Os adultos constituem o público mais interessado na tradição e na lenda.

Figura 3 – Turistas em visita ao Poço da Moça



Fonte: Junior Costa (2016).

Até o momento, a comunidade não se beneficia economicamente do turismo. Porém, os moradores locais entrevistados relataram que receber os turistas contribui para que a cultura se mantenha viva em seus pensamentos e que muitas crianças e adolescentes da Comunidade se entusiasmam com a possibilidade de contar as lendas locais aos visitantes. Por conseguinte, se atentam mais em conhecer as tradições.

Os moradores consideraram positiva a presença periódica de turistas na Comunidade, visto que estes aprendem sobre seus costumes e vivenciam sua rotina; além disso, eles consideram os benefícios econômicos que podem ser obtidos. Porém, se mostram preocupados quanto ao planejamento e organização desta atividade, uma vez que ela é de total responsabilidade deles. Nesse sentido, eles ressaltaram a necessidade de esclarecimento quanto à atividade turística e seus impactos por meio de pesquisadores, os quais os auxiliariam a gerir seu potencial, desde a fase inicial, de modo a minimizar os resultados negativos.

Os dados obtidos junto aos turistas corroboram o potencial da lenda como propulsor do turismo de natureza e cultural na Comunidade, mesmo com a ausência do planejamento para o fomento do turismo. Assim sendo, o Poço da Moça foi apontado, de maneira unânime, pelos questionados como um dos principais atrativos da comunidade Ramal do Bacuri, para quem deseja conhecê-la.

Ressalta-se que somente três turistas (30% dos questionados) não procuraram obter junto aos moradores mais informações sobre a lenda. Desse modo, além das perguntas tradicionais sobre a narrativa, os sete turistas (70% dos ouvidos) que buscaram sanar outras curiosidades conseguiram conhecer um pouco mais sobre a história dos moradores e também sobre a própria Comunidade.

No que concerne à satisfação, 100% dos turistas ouvidos descreveram a experiência como agradável e estimam o retorno ao local, informação confirmada pela análise da frequência de visitação, uma vez que 70%, ou seja, 7 dos 10 turistas questionados estiveram no Poço mais de duas vezes. Portanto, pode-se afirmar, com base nos dados relatados, que o potencial da Comunidade para a prática da atividade turística é significativo, abrangendo o imaginário, o *modus vivendi* e a história dela.

Conclusão

Conhecer o imaginário de uma comunidade é uma tarefa árdua, mesmo quando se refere a apenas uma lenda. Entretanto, foi importante notar que o "comum" pode se tornar um instrumento que, agregado a outros atrativos e serviços, tornar-se um produto turístico. O posicionamento como produto pode até apresentar um enfoque essencialmente mercadológico, mas uma comunidade rica em expressões culturais, como a aqui analisada, precisa minimamente se beneficiar dos frutos de sua hospitalidade e de sua permissão em abrir a "porta" para que outras pessoas "desbravem" suas tradições e saberes.

A Comunidade Remanescente de Quilombo Ramal do Bacuri é uma, dentre outras, que não usufrui do seu potencial turístico como mecanismo de valorização cultural e alternativa de geração de renda. O turismo acontece, como foi constatado nesta pesquisa, contudo não gera renda para a Comunidade. Nem ao menos os trabalhos frutos da visita de pesquisadores são deixados para ela.

A lenda do Poço da Moça atrai, agregada à beleza natural e à hospitalidade dos moradores locais, turistas de maneira crescente. Destaca-se que apenas uma das tantas lendas e mitos que permeiam o imaginário da Comunidade foi estudada. Porém, constou-se que há muito a ser feito em termos de planejamento e gestão para que se fomente, efetivamente, a atividade turística e para que esta possa gerar benefícios, notadamente os financeiros, para a Comunidade.

Ao se pensar em valorização cultural e alternativa de geração de renda, o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária (TBC) se destaca. Contudo, para que o TBC alcance resultados favoráveis, é necessário que haja união e participação de todos os atores envolvidos, que interagem direta e indiretamente com o local. E é preciso que esses atores sejam capacitados para planejar e gerir a atividade turística.

Por conseguinte, o turismo necessita entrar na pauta de discussão da Associação da Comunidade Remanescente de Quilombo do Ramal do Bacuri (ARQUIBA), da Associação de Mulheres Quilombolas

Agroextrativistas da Comunidade Ramal do Bacuri e também da Comunidade do Ramal do Bacuri como um todo. Com isso, será possível debater e analisar a viabilidade de se fomentar a atividade turística no local, bem como incentivar o trabalho existente quanto ao ensino de artesanato, agricultura entre outros. Deste modo, a Comunidade, que a priori foi conhecida por seu Poço, se destacará no mercado turístico como lócus de turismo de base comunitária.

Referências

BUENO, Belmira A. Barros Oliveira. **Autobiografias e formação de professores:** um estudo sobre representações de alunas de um curso de magistério. São Paulo, 1996. Tese (Livre Docência em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo cultural:** orientações básicas. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CARVALHO, Nazaré Cristina. Caleidoscópio do imaginário ribeirinho amazônico. **Instrumento - Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, jul./dez. 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

LOUREIRO, Violeta R. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 16, n. 45, p. 107-121, 2002.

MOLETTA, Vânia Florentino. **Turismo Cultural**. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 1998.

MACENA, Lourdes. Festas, Danças e Folguedos: elementos de identidade local, patrimônio imaterial do nosso povo. In: MARTINS, Clerton (Org). **Turismo, Cultura e Identidade**. São Paulo: Roca, 2003.

MALDONADO, Carlos. O turismo rural comunitário na América Latina: gênesis, características e políticas. In: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis G.; BURSZTYN, Ivan (Org.). **Turismo de Base Comunitária:** diversidade de olhares e experiências brasileiras. Brasil: Nova Letra Gráfica e Editora, 2009.

MARQUES, Jane Aparecida; MALCHER, Maria Ataide (Org). Territórios Quilombolas. **Cadernos ITERPA**, Belém, v. 3, p. 1-79, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. **Antropologia:** uma introdução. 6 ed. São Paulo: Atlas. 2006.

MIOTELLO, Valdemir. **Um mito amazônico em narrativas de roda - repetição e mudança nos processos enunciativos**. Campinas. SP: [s. n.], 1996.

NASCIMENTO, Vânia Lúcia Quadros. **Ecoturismo, lendas e mitos**: realidade e possibilidades na capital paraense. Belém, 2002. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Planejamento e Gestão de Turismo). Centro de Ensino Superior do Pará, 2002.

OLIVEIRA, Fernando. Folclore é uma das Riquezas da Bahia. **Neon, Arte, Cultura e Entretenimento**. Salvador, v. 1, n. 8, p. 15-16, ago. 1999.

PAES-LUCHIARI, Maria Tereza D.; BRUHNS, Heloisa Turini; SERRANO, Célia Maria de Toledo (Org). **Patrimônio, Natureza e Cultura**. Campinas, S.P.: Editora Papirus, 2007.

PARÁ. Instituto de Terras do Pará. **Territórios Quilombola** Belém, 2017. Disponível em: <http://www.iterpa.pa.gov.br/content/quilombolas>. Acesso em: 28 jan. 2017.

PEREIRA, Franz Kreüther. **Painel de lendas & mitos da Amazônia**: trabalho premiado (1º lugar) no concurso "Folclore Amazônico 1993" da Academia Paraense de Letras. Belém, 2001. Disponível em: <http://library.umac.mo/ebooks/b11716629.pdf >. Acesso em: 27 jan. 2016.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Marketing turístico:** um enfoque promocional. 4 ed. Campinas, SP: Papirus, 1990.

SALES, Maria da Luz Lima. **A presença das Narrativas Tradicionais no imaginário dos jovens em idade escolar**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação)-Évora, Portugal, 2008.

SILVA, Dielly de Castro. **Vozes da ilha:** narrativas, assombrações e cotidiano na comunidade do Rio Maúba-PA. 2014. Monografia (Graduação em Ciências Sociais)–Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

URRY, John. **The tourist gaze "revisited".** American Behavioral Scientist, v. 36, n. 2, p. 172-186, Lodres, 1992.